



O BRANCO E NEGRO. REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA PARA PORTUGAL E BRASIL – No início de **1899** fez-se **anunciar através de um prospecto** que lhe resumia, em tom entusiástico, os objetivos e as linhas editoriais, além de informar sobre os preços para assinantes e para anunciantes, e de oferecer um «Boletim de assinatura».

Não obstante estes cuidados, a revista não conseguiu vingar. **Extraiu 4 números a custo**, se tomarmos em consideração a periodicidade prometida, e desapareceu. Mas não deixa de ter interesse enquanto “caso” de estudo. O fracasso também faz parte da história. E será exatamente por esse ângulo que vamos analisá-la, procurando perceber as razões que o terão determinado.

O primeiro aspeto curioso desta iniciativa editorial está no título escolhido. Ainda não havia decorrido um ano sobre o desaparecimento do semanário ilustrado *Branco e Negro*¹, da Livraria e casa editora António Maria Pereira, quando *O Branco e Negro* se fez anunciar através de um **prospecto** de 4 páginas. O mais provável é que alguns assinantes e leitores da revista recentemente desaparecida tenham ficado confundidos. Nós mesmo começámos por ficar: Seria uma nova série?

Os promotores da nova revista não se identificavam. Apenas era referida a morada da **redação e da administração, sita na rua do Diário de Notícias, 45, 1º**. Também não tem inscrita qualquer data, que permita aferir quando é que o prospecto foi distribuído. Mas é provável que tenha ocorrido **entre Fevereiro e Março de 1899**, um vez que o **primeiro número d’ O Branco e Negro apareceu a 18 de Março**. Só então se esclareceram as dúvidas resultantes da similaridade dos títulos das duas publicações, bem assim a identidade do elenco diretivo e técnico da que então se apresentava sob a marca distintiva do artigo “O”.

Convenhamos que parece existir alguma malícia naquela opção de acrescentar tão singelo sinal gráfico a um título recentemente desaparecido. Do ponto de vista legal, podia configurar uma forma de contornar **o direito ao título de uma publicação, que só prescrevia ao fim de dois anos**, a contar do dia da última publicação². Analisada à luz da gramática, a presença do artigo definido antecedendo o nome, emprestava-lhe precisão, uma aura de autenticidade - «O Branco e Negro» era um só, era aquele.

É inegável que os promotores da nova revista denotavam grande apreço naquele nome que evoca a ideia de contraste, presente nos periódicos, por via do trabalho tipográfico. E não pouparam o seu engenho para conquistar o direito de o ostentar como bandeira. Poderiam ter sido motivados apenas por uma razão estética, mas a hipótese do aproveitamento da sonoridade familiar, da imagem da “marca” na memória do leitor também é plausível. A maioria dos membros da equipa fundadora d’ *O Branco e Negro* era

¹ Acessível na Hemeroteca Digital. O último número saiu a 27 de Março de 1898.

² Decreto de 18 de Julho de 1898, acessível na Hemeroteca Digital.

gente do meio, com *curriculum* construído e conhecedora destas técnicas: como «editor responsável» figurava **José do Patrocínio Gomes de Sousa**³, que aparece referenciado à **Imprensa do Libânio da Silva**⁴, então estabelecida na rua do Norte, 9; a direção artística era assegurada por **Conceição Silva**⁵; que contava com **Celso Hermínio**⁶ e **Jorge Colaço**⁷ como ilustradores “a tempo inteiro”.

³ Este é o personagem sobre quem possuímos menos informação. Na Biblioteca Nacional há registo de que foi editor comercial do quinzenário *Palcos & letras*, que se publicou em Lisboa, entre Setembro e Outubro de 1898; e editor literário da revista ilustrada *O mundo catholico*, também de Lisboa, que se publicou entre 1899 e 1901. Imaginamo-lo como um homem relacionado com a produção de periódicos, conhecedor das artes tipográficas e do universo das tipografias, e que se prestava a assumir a espinhosa função de “editor” – em face da lei, o primeiro responsável no caso de abuso da liberdade de imprensa. Daí que tenham ganho o epíteto de «para-raios da imprensa».

⁴ Libânio Venâncio da Silva (n. em 29/10/1854 e m. em 8/3/1916) foi um reputado tipógrafo e um defensor dos interesses da sua classe profissional, tendo participado no movimento associativo e sindical. Começou a laborar muito jovem na casa *Lallement*, mas à custa da sua capacidade de trabalho, empenho e virtuosismo conseguiu instalar-se por conta própria, tornando-se um industrial da «Arte Negra». Começou por participar, como sócio na *Empresa Literária Lisbonense* e na *Libânio & Cunha Editores*, mas acabou por fundar uma oficina própria, na rua do Norte, de cujos prelos saiu *O Branco e Negro*, em cujas páginas ainda foram publicadas as novidades editoriais da *Libânio & Cunha*. Entretanto, na pequena oficina tipográfica da rua do Norte o volume de trabalho foi aumentando exponencialmente, pelo que foi necessário transferi-la para um espaço mais amplo, na rua das Gáveas. Por volta de 1912, Libânio da Silva decidiu mandar construir uma oficina de raiz, na travessa do Fala-Só, e desvinculou-se das sociedades que mantinha.

⁵ António Tomás Conceição Silva (n. em Lisboa, 19/5/1869 e m. 1958) iniciou os seus estudos artísticos na Escola de Belas-Artes, que concluiu com distinção. O Grémio Artístico premiou-o com uma bolsa de estudo em Paris, subsidiada pela rainha D. Amélia, onde aprofundou estudos. Regressado a Portugal em finais de 1895, rapidamente se integrou nos círculos artísticos da capital. Montou o seu *atelier* no Pátio do Martel, espaço anteriormente ocupado por Columbano. Foi por nessa altura que conheceu Libânio da Silva, que o procurou para que orientasse a formação artística do filho. Cultivaram então longa amizade, e Libânio convidou Conceição Silva a ilustrar muitas das obras que saíram da sua tipografia. Conceição Silva manteve sempre a sua ligação ao Grémio e assumiu, diversas vezes, a sua direção. Também se dedicou ao ensino, tendo lecionado na Escola de Belas-Artes de Lisboa (a partir de 1904), na Escola Preparatória de Rodrigues Sampaio (1916) e na Escola de Marques de Pombal.

⁶ Celso Hermínio de Freitas Branco (Lisboa, 1871-1904). Começou a revelar génio artístico ainda jovem (cerca de 16 anos), quando se instalou na ilha de S. Miguel com o pai, que fora colocado em Caçadores 11. Reza a história, que publicou então, cerca de 1887, uma pequena folha intitulada *O Micróbio*, que fazia as delícias da oficialidade. Na pegada do pai, abraçou também a carreira militar, mas acabará por abandoná-la após a revolta de 31 de Janeiro de 1891, na qual esteve, aliás, envolvido enquanto membro do Regimento de Caçadores 9. A partir de então fez do lápis a sua arma, sempre carregada de humor. Quando começou a sua colaboração com *O Branco e Negro*, já os seus disparos certos marcavam muitas páginas de diversos periódicos, que fundou ou com os quais colaborou, nomeadamente: *António Maria* (1894-95), *O Berro* (1896), *O Micróbio* (1894-1895), *Século*, *Pátria*, *Popular*, *Marselhesa* (1897-98), *Branco e Negro* (1896-98), *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Geração Nova* (1894-95), *Brasil Portugal* (1899-1914), *Paródia* (1900-07), entre outros. Também ilustrou livros e expôs os seus trabalhos por diversas vezes.

⁷ Jorge de Jesus Maria Cesário Sebastião Eusébio Raimundo Lopez de Macnaman Rey Colaço (n. em Tânger, 1868 e m. Caxias, 1942), filho de um diplomata-artista, o aquarelista Daniel Colaço, estudou pintura em Madrid e em Paris. Interessou-se pela azulejaria artística, e com o seu labor e virtuosismo conseguiu relançar esta arte decorativa. Granjeou várias medalhas em prestigiadas exposições nacionais e

O programa e o público-alvo

Apresentada a eclética equipa d'O *Branco e Negro*, retomemos por agora ao prospeto para atender ao programa concebido para cativar os potenciais assinantes, leitores e anunciantes. Era essa a ideia que subjazia a este tipo de iniciativa: a sondagem do público, a aferição da sua recetividade ao produto e, naturalmente, a sedução de um número mínimo de assinantes e anunciantes para viabilizar o seu lançamento. Era vital para promotores terem a perceção da medida do esforço financeiro que teriam de realizar. A presença do “boletim” para inscrição dos candidatos a assinantes também aponta nesse sentido. A distribuição do prospeto visou sobretudo as livrarias, mas é possível que tenha abarcado outros estabelecimentos comerciais ou institucionais, além da rede amigos e conhecidos.

A revista começou por aliciar o público com uma oferta de leitura assente em três linhas de força: **a arte, a literatura e «os acontecimentos de mais saliente actualidade e interesse»**, que seriam, fundamentalmente, registados, através da gravura. Em síntese, um periódico em muito semelhante a outros já em circulação, como *O Occidente*, a recentemente lançada *Brasil-Portugal*, e até com a extinta *Branco e Negro*⁸: generalista, politicamente inócuo, «elegante e fino».

Considerando a oferta já existente, o empreendimento parecia arriscado, como aliás é assumido no prospeto. O que é que então animava os promotores da publicação para aquela aventura? «Nota-se, porém, na Indústria e na Arte portuguesas um tal ressurgimento e actividade que nos animam a publicar **O Branco e Negro**, esperando que o publico lhe dispensará a sua sympathia, pois elle será mais uma manifestação de quanto podem esses dois importantes factores do ressurgimento pátrio.»

Tanto quanto apuramos, esse quadro empolgante de dinamismo estava longe de corresponder à situação vivida no país. Na sequência do *Ultimatum* inglês, os anos 90 foram marcados por um ambiente de desânimo e de descrédito na monarquia e nos políticos. A luta política e a contestação social aumentaram, e tiveram por consequência o endurecimento das medidas repressivas e preventivas por parte das autoridades. A conjuntura não era, de facto, animadora. A que se devia, então, aquele otimismo? Seria ironia? Estaria relacionado com as atividades preparatórias da participação de Portugal na Exposição Universal de Paris, calendarizada para Abril de 1900. A participação terá sido cuidadosamente preparada e envolveu muita gente, alimentando ainda mais expectativas. Foi, sem dúvida, um ambiente favorável ao empreendedorismo nacional. Também podia ser um reflexo do estado de alma, do ânimo do proprietário da oficina de impressão d' O *Branco e Negro*, Libânio da Silva, tipógrafo e sindicalista. A oficina da rua do Norte era precisamente a primeira oficina de que era proprietário. Estamos em crer que era também

internacionais. Assumiu a direção da Sociedade Nacional de Belas Artes, entre 1904 e 1910. Mas o seu espírito interventivo, e de inspiração humorística, sempre o motivaram para a caricatura. Nessa arte corrosiva fez-se artista, idolatrado por uns e temido por outros. Ideologicamente, era monárquico, mas não poupava os que, afirmando sê-lo também, conduziram paulatinamente o regime ao descrédito e à falência. Os seus desenhos estão distribuídos por diversos periódicos, como: o *Dia* (1887-1941); a revista *Branco e Negro* (1896-98); a *Serões* (1901-1911); o semanário *O Thalassa* (1913-14), que fundou; *O século cómico* (1913-21), que dirigiu; o semanário *Fradique* (1934-35), e muitos outros. Refira-se que a maioria destas publicações encontra-se digitalizada e acessível na Hemeroteca Digital.

⁸ As três publicações estão acessíveis na Hemeroteca Digital.

o proprietário da publicação. Uma iniciativa editorial, como o lançamento de uma revista, era uma forma digna para assinalar a sua nova condição socio profissional: industrial da “Arte Negra”.

Em abono dessa tese, acode também a **valorização do trabalhador que marca discretamente o programa enunciado**. Ao fazer fé na boa recetividade que a revista alcançaria no Brasil afirmava-se: «Há na grande Republica Brasileira uma numerosíssima colonia de compatriotas nossos, valentes e honrados batalhadores do Trabalho que tão distintamente honram a pátria n’essas longínquas paragens, e que estão sempre prontos a animar com o seu concurso todos os commetimentos que possam engrandecel-a e a honral-a perante o mundo.» No momento de pormenorizar as linhas editoriais que seriam perseguidas, prometia-se: «**O Branco e Negro** publicará, pois, retratos de todos os homens que se salientem na Arte, na Litteratura, no Commercio, na Industria e na Agricultura (...)».

O tom informal adotado, sugerindo uma equiparação entre redator e recetor, acaba também por denunciar o **público-alvo da revista: a pequena burguesia citadina, alfabetizada, mas de fraca cultura**. Provavelmente, muitos possuíam noção das suas limitações formativas e pretendiam superá-las. Nesse quadro, é de considerar o patriotismo que tempera todo o artigo, na medida em que poderá revelar o eco que alcança junto daquele público, daquelas camadas sociais. Como esclarecem logo de início, *O Branco e Negro* não tinha um propósito meramente comercial. «Outro fim mais alto visava também este empreendimento: **é preciso mostrar que aqui se póde competir com o que neste género nos vem do estrangeiro** e que tão fácil aceitação encontra entre nós.» Em consonância, não se esquecem de realçar que «**Todos os trabalhos d’O Branco e Negro, papel, photogravuras, composição e impressão serão feitos em Portugal e por artistas portuguezes.**». Com o apoio do público, a revista seria, pois, um símbolo da qualidade, da competência e do bom gosto da criatividade portuguesa.

Obviamente, não cabe aqui explorar a origem daquela necessidade de defender o que é português, valorizada numa publicação de natureza popular, mas deixamos o assunto recortado para potenciais interessados.

Para lá de todas as razões patrióticas e altruístas, também foi feito uso de argumentos mais práticos e crus, relacionados com a “algibeira” do público: «**Será a revista mais barata que se publicará em Portugal**, pelo luxo com que será feita, tanto nas gravuras, como no texto, e pela originalidade e atualidade dos assumptos.» Tinham, de facto, toda a legitimidade para o apregoar, como se pode constatar da comparação dos preços das três revistas aqui referidas: para o mesmo ano, **o número avulso d’ O Branco e Negro ficava por \$50 réis** (com 16 pág.), enquanto *O Occidente* (com 8 pág.) se vendia por \$120 réis e a *Brasil-Portugal* por \$400 réis (16 pág.) - uma diferença muito significativa. Esta política de baixo preço d’ *O Branco e Negro* também corrobora a tese de que a publicação estava **orientada para um público de mais poucos recursos** e, por isso mesmo, mais difícil de convencer a despende numa publicação o que mal chegava para as primeiras necessidades.

Registe-se também o cuidado no tratamento dos **anunciantes**, para quem se pensaram alguns **brindes e serviços**, como a oferta do jornal, no momento da cobrança do anúncio, e a secção de anúncios telegráficos; e se procura aliciar com a perspectiva de uma grande tiragem, que em nossa opinião é duvidosa: 12000 exemplares, dos quais «**8:000 exemplares para províncias, Africa e Brazil e 4:000 exemplares para Lisboa e Porto**».

Esta valorização dos anunciantes, que vai ganhando expressão ao longo do século XIX, é uma das marcas de modernismo do jornalismo e da industrialização da imprensa.

O próprio conceito de jornal ou revista vai-se alterando, ajustando-se à democratização, à progressiva alfabetização, à melhoria das condições de vida que lenta e paulatinamente se vai consolidando. As matérias a tratar pelos periódicos vão-se diversificando na mesma medida que o universo dos leitores. É a atualidade, que se consubstancia na notícia, adquire cada vez mais relevância. Para intervir na realidade o cidadão precisa de estar atualizado.

Como se depreende da concepção de periódico que se encontra desenhada no prospeto, *O Branco e Negro* ainda se rege pelo protocolo anterior, **embora já vá assumindo algumas das características da nova imprensa**, como a valorização da atualidade, a diversificação das matérias, a política de preços reduzidos, a procura de anunciantes, etc. **Mas é uma publicação que continua a apostar no texto descritivo, “o retrato”, que, maioritariamente tem natureza retrospectiva**; tinha por fim a constituição de volumes e a encadernação – concepção que remete para o jornal enciclopédia; apostava na venda por assinatura; era assegurada por um pequeno grupo de entusiastas, alicerçada numa rede de complicitades, boas vontades e favores por cobrar. Uma engrenagem muito frágil. Qualquer infortúnio podia desconcertá-la e deitar tudo a perder.

O que se terá passado com *O Branco e Negro*? A revista cumpriu o programa?

Um discurso muito crítico

A partir dos 4 números extraídos não é fácil descortinar o que aconteceu. De seguro apenas temos a decisão de avançar com a publicação, após um trabalho prévio de apresentação e angariação de assinantes e anunciantes; e o facto de todos os números publicados apresentarem alguma publicidade, verificando-se mesmo um acréscimo de anunciantes do 1.º para o 2.º número, a partir do qual *O Branco e Negro* passou a ostentar 5 páginas e meia de anúncios. Um corpo de anunciantes razoável e que se manteve inalterável.

Quanto ao programa, pode considerar-se que foi superado, na medida em que nos conteúdos da publicação se **revelou uma vertente doutrinária relacionada com as reivindicações dos proletários**, isto é, dos trabalhadores por conta de outrem, sujeitos a um patrão. De qualquer forma, não foi esse o assunto dominante n’*O Branco e Negro*, que repartia a sua atenção por outras matérias. As artes de palco foram as mais acarinhadas. Para elas se abriram duas secções: «**Os artistas de teatro**» e «**Theatro**». O desporto também tinha o seu espaço próprio na secção «**Sports**». Mantiveram-se ainda as secções «**Hygiene Elegante**», destinada ao público feminino (note-se o foco na questão da higiene), e a «**Secção Recreativa**».

A análise do país e o discurso doutrinário desenvolviam-se na «Chronica», que atingiu o seu tom mais dramático no 2.º número, quando denunciou a miséria que atingia as classes mais pobres e desprotegidas:

«A miséria alastra cada vez mais a sua mancha sombria sob esta athmosphera pardacenta da cidade. Em vão a caridade elegante e fidalga inventa dia a dia festas athraentes, cujo producto destina gentilmente ao allivio dos sofrimentos dos miseráveis. (...)

Outra miséria oculta da cidade, a implacavel tuberculose, preocupa intensamente a philantropia e algumas almas bem formadas. (...) De ha muito que a imprensa periódica

tem assinalado aos poderes públicos os espantosos progressos d'este mal endémico, resultantes da alimentação insuficientes das classes pobres, das suas habitações anti-higienicas, do excesso de trabalho a que estão sujeitas, de milhares de outras causas cada qual mais desgraçada. (...)

A carestia sempre crescente das subsistencias constitue na actualidade o pesadello de todas as famillias. (...)»⁹

Igualmente esclarecedora sobre a orientação doutrinária e os objectivos que orientaram *O Branco e Negro* é a «Chronica» do último número, **dedicada ao 1.º de Maio**. O dia do Trabalhador foi mesmo tema de capa. O texto, assinado por **Alfredo Gallis**¹⁰, foi redigido num tom pedagógico e mobilizador, persegue um objetivo de consciencialização dos leitores (entenda-se dos trabalhadores) para a luta: «(...) urge que os trabalhadores se eduquem e disciplinem, trocando a taberna pelo livro, as praças de touros pelas conferencias, e a sociedade philarmónica pelo estudo, para que, bem orientados e sem a timidez, filha da ignorancia, poderem oferecer batalha a esses finórios das classes dirigentes, que os vencem com a dialectica estúpida das universidades e assim gosam a vida á custa da ignorancia alheia.»¹¹

A tourada, o crime, e a vida pessoal dos “grandes” eram também assuntos focados e que revelam a orientação popular da publicação. Veja-se logo no 1.º número, o artigo sobre a eleição presidencial em França, construído a partir de uma entrevista à mãe do eleito, Emilio Loubet, que partilha as emoções que sentiu, as memórias da infância do seu filho, e que termina com uma série de banalidades sobre a nova residência do presidente. É notório que se trata de uma peça construída a partir de um texto publicado na imprensa francesa, ou mesmo uma tradução literal. Uma página à frente faz-se notícia com «O crime d'Almada». A literatura propriamente dita marcou presença através de poemas, quadras soltas e do conto.

A caricatura, que esteve presente desde do primeiro número pelo lápis de Celso Hermínio e de Jorge Colaço, acabou por se tornar preponderante nos últimos dois números (3.º e 4.º). De facto, o **humor político e de carácter social acabou por dominar *O Branco e Negro***, quer sob a forma gráfica, quer no formato do comentário irónico e do verso cómico. Apareceu até uma secção nova: «**Semana cómica**», que mais não era que uma sequência de comentários curtos ou “tiradas” a escarnecer dos políticos e das suas políticas.

Pouco adiantámos quanto aos autores que redigiram os textos porque, salvo raras exceções, eles se mantiveram à sombra de **pseudónimos**, que quase sempre perduraram ao longo dos 4 números: «ANIMATOGRAPHO», «ARMODIO», «BARBADO», «M.^{elle} Blanche», «PETIT-POULET», «PETRUS», «DR. PHYLOGYNO», «SCHOP», «SIPHAX», «Y.Z», entre outros.¹² Também há textos sem assinatura. A razão mais provável para este número elevado de pseudónimos era, obviamente, o medo de vir a sofrer qualquer tipo de

⁹ Cf. n.º 2, de 26 de Março de 1899, p. 4-5.

¹⁰ Joaquim Alfredo Gallis (1859-1910) foi jornalista e romancista e grande animador do movimento social e sindical. Consta também que exerceu o cargo de escrivão da Corporação dos Pilotos da Barra, e de Administrador efetivo do Concelho do Barreiro (1901-05).

¹¹ Cf. n.º 4, de 29 de Abril de 1899, p. 2.

¹² Infelizmente, não conseguimos identificar nenhum.

coação por parte das autoridades. De qualquer forma, o pseudónimo só protegia o autor do texto, já que a responsabilidade pelo conteúdo da publicação recaía sobre o editor, cuja identidade tinha obrigatoriamente de constar junto ao cabeçalho da publicação.

Por vezes, recorria-se ao pseudónimo apenas para criar a ilusão de que a publicação contava com um leque de colaboradores maior do que o que possuía de facto.

Entre os que dão a cara pelo que redigem encontra-se: Henrique Vasconcellos (1876-1924), Alberto Bramão (1865-1944), Candido Figueiredo (1846-1925), J. Simões Dias (1844-1899), Eduardo Fernandes, o célebre Esculápio (1870-1945).¹³

De tudo o que aqui foi exposto concluímos que o que terá condicionado a vida d' *O Branco e Negro* foi a **falta de “recetividade” por parte do público** a quem se dirigia. Essa adesão ou interesse dependia, obviamente, do nível de formação e da disponibilidade financeira do público-alvo. Ora, ambas as variáveis apresentavam ainda um fraco nível de desenvolvimento. Mas o caminho faz-se caminhando. O movimento sindical vinha ensaiando os seus primeiros passos, quer em termos organizacionais, quer no que se refere à ação, consubstanciada em greves, sessões de esclarecimento e propaganda, debates, imprensa, etc.. O progresso foram mais rápidos junto dos trabalhadores da indústria, onde a distância ao patrão era mais profunda, e constituía um ambiente mais propenso ao estabelecimento de relações de fraternidade e solidariedade entre os trabalhadores. Junto deste público, os maiores entraves a enfrentar por uma iniciativa editorial advinham dos baixos recursos, isto é, da miséria e do analfabetismo. Junto dos empregados do comércio e dos serviços, do baixo funcionalismo, entre outros, as dificuldades eram as inversas: a proximidade ao patrão, o isolamento e, conseqüentemente, o medo de perder o emprego e de sofrer, sozinho, retaliações diversas, e uma mais ténue consciência de grupo ou classe. Quer-nos parecer que *O Branco e Negro* foi concebido para esse público em particular. Assim se explicaria a amálgama dos seus conteúdos, por outras palavras, a opção por uma doutrinação “suave” ou doseada.

De qualquer forma, não é de descartar a hipótese de *O Branco e Negro* ter sido **vítima de perseguição por parte das autoridades**. Não temos notícia. Mas o seu desaparecimento súbito, uma vez que não foi adiantado qualquer aviso, levanta a suspeita. A verdade é que o poder não se sentia confortável com o constante escrutínio a que a imprensa o sujeitava. Tanto assim, que em 31 de Julho de 1899, por carta de lei, foram instituídas novas medidas coativas do exercício da liberdade de imprensa¹⁴.

Rita Correia

Lisboa, 8 de Junho de 2012.

¹³ Assina a letra do «Fado “Branco e Negro”», com música de Arthur Davis Abohbot Tavares de Mello, publicada no n.º 3.

¹⁴ Legislação acessível na Hemeroteca Digital.

BIBLIOGRAFIA

TENGARRINHA, José Manuel – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Caminho, cop., 1989, 2.^a ed. revista e aum. ISBN 972-21-0396-2.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Tomo 7. Lisboa- Rio de janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada

O Gráfico. Boletim da Federação Nacional dos Sindicatos dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos, Ano IV (3.^a série), 1954, n.º 42 ao n.º 51 (vários artigos relativos ao centenário do nascimento de Libânio da Silva).